

# PECADO COMO SALTO QUALITATIVO NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO PERSONAGEM MARTIM, EM *A MAÇÃ NO ESCURO*

Nilvanda Barbosa Dantas\*

## RESUMO

Objetivamos com este artigo mostrar o processo de construção de identidade no personagem Martim, na obra *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, enquanto representação do universo humano e social. Pressupomos que os personagens de ficção são expressões de estruturas e sujeitos socioculturais. Neste sentido, a literatura enquanto prática cultural, simbólica e metaforicamente, recria estas realidades. Com aporte nos estudos culturais, analisaremos a metamorfose operada pela ficcionalização do humano no personagem Martim. Este, após cometer um crime, vivencia sentimento de culpa decorrente da idéia do pecado como transgressão, fugindo, em seguida, em busca de se reconstruir. Então nele se intensifica uma reflexão sobre si mesmo que, por ocorrer em convivência com outros, se transmuta em salto qualitativo, que tem implicações em sua ética social.

**Palavras-chave:** Identidade, metáfora, crime, pecado, ética.

## INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é promover uma reflexão sobre os limites do individualismo contemporâneo a partir da obra *A maçã no escuro* de Clarice Lispector. Com aporte nos estudos culturais analisaremos a metamorfose operada no humano ficcionalizado em Martim, que partido da construção do si mesmo salta na direção de uma ética que inclui o outro.

A arte em geral, e a literatura em particular, nos permite conhecer o significado da experiência humana. Os personagens de ficção são expressões das formas culturais, das relações sociais e das estruturas de interação dos sujeitos em situações sociais. Isso porque a literatura é uma prática cultural que simbolicamente mimetiza realidades social e humana.

A obra *A maçã no escuro* de Clarice Lispector está dividida em três partes que sinalizam as etapas de busca do personagem Martim de si mesmo. Na primeira: “Como se faz um homem” se constitui o momento de isolamento do personagem; na segunda parte, “Nascimento do herói” é a

---

\* Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, Professora do Departamento de Serviço Social na Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: nilvandadantas@yahoo.com.br.

fase em que o personagem Martim busca se construir; e na terceira, “A maçã no escuro”, Martim se percebe no convívio com os outros e assume sua condição humana de finitude.

A narrativa conta a trajetória de um homem chamado Martim, que pensa ter assassinado a esposa e, torturado pela culpa, foge da cidade para o campo, uma fazenda, onde vivem Vitória e sua prima Ermelinda, uma ajudante que atende pelo nome de Francisco, a mulata cozinheira e sua filha. Motivado pela necessidade de encontrar abrigo, Martim pede emprego a Vitória. Com alguma preocupação, Vitória resolve contratar o homem desconhecido, ele não teria uma função específica, exerceria todo tipo de tarefa que seria a ele designado.

Martim escolhe viver no recluso mundo da fazenda. Depois do suposto crime, ele está ao pé de um abismo: “É que aquele homem sempre tivera uma tendência a cair na profundidade, o que um dia ainda poderia levá-lo a um abismo: por isso sabiamente tomou a precaução de abster-se” (LISPECTOR, 1998, p. 32). Nessa reclusão, depois da queda, resolve recriar-se a si próprio a partir do nada começando a re-construir (interiormente) o seu ser, através da sua interação com a natureza e com o outro. Ele migra da cidade para o campo, sofre, portanto os efeitos desse processo de transformação não apenas espaço-temporal, mas também nas relações sociais que se efetiva nas suas opções cotidianas. Pondo deste modo em evidencia um mundo de significados, de pluralidade que se produzem na tensão ante sua opção.

Trazendo esse foco a luz contemporânea, temos no humano ficcionalizado no personagem Martim os reflexos das conseqüências perversas da modernidade, no que se refere ao individualismo onde o sujeito está centrado em si mesmo de modo a evidenciar na ação as teias de um sistema que produz e ao mesmo tempo manipula essa ação, tendo assim o efeito na construção de sua identidade social que se concretiza em processo mediada pelas relações entre o Eu-Tu-Nós numa constante tensão, vivida entre a angústia e desespero.

### **1. Entre desespero e angústia a possibilidade de construção do si mesmo**

Martim vivencia essa inter-relação no processo de construção de si e na perspectiva de transcendência do centramento em si mesmo. O narrador apresenta ao leitor o ponto gênese da

criação, donde se instaura o processo de construção do si mesmo do personagem Martim: “[...] domingo era o primeiro dia de um homem. Nem a mulher fora criada. Domingo era o descampado de um homem. E a sede, libertando-o, dava-lhe um poder de escolha que o inebriou: hoje é domingo! determinou categórico” (LISPECTOR, 1998, p.27).

O narrador coloca diante do leitor o texto-linguagem, dando visibilidade ao personagem Martim. O silêncio-grito coloca o personagem Martim sob a égide do narrador, determinando sua posição na narrativa, que está diretamente ligada à instância do discurso e que serve de meio através do qual se controla o modo de acesso à significação para o leitor. Com o auxílio do conceito de focalização zero de Genette in: BERTRAND, 2003, p.149, é possível compreendermos a posição do narrador na obra *A maçã no escuro*. Há um narrador onisciente, que controla o conjunto da cena narrativa, sabe mais que seus personagens, entra em sua interioridade. Corroborando com o que afirma Benedito Nunes, o narrador é envolvido com a experiência interior do personagem: “[...] o enredo [...] não é senão um esquema de apoio da narração, cujo objeto – a experiência interior do protagonista – foi polarizado pelo acontecimento determinante da sua fuga” (NUNES, 1995, p. 40).

Nessa simbiose entre narrador e personagem seguiremos na trilha de Martim na busca de construir-se a se mesmo. Em princípio Martim é inocente, mergulhado num estágio de ignorância, encontra-se diante de possibilidades: “E de novo o embrutecimento suave o dominava. O chão era tão longe que, abandonando o corpo, este por um instante experimentou a queda no vácuo” (LISPECTOR, 1998, p. 20).

O primeiro desafio vivenciado por Mártir é ultrapassar da ignorância à autoconsciência.

A situação vivenciada por Martim nos remete interdiscursivamente ao relato da queda no livro de Gênesis. O drama do pecado é apresentado no contexto das narrativas da tentação e da queda (Gn. 3, 16-19). O homem cedeu a tentação e caiu em pecado, segundo a tradição cristã o pecado é o “mal radical” (ROSA, 1996, p. 189), que tem um elemento de perversidade, pois é fruto do ato de desobediência a Deus. Paul Tillich afirma que o homem penetra na natureza assim como a natureza penetra no homem, pois: “O estado da existência é estado de alienação. O homem se acha

alienado do fundamento de seu ser, dos outros seres, e de si mesmo. A transição da essência à existência resulta em culpa pessoal e em tragédia universal” (TILLICH, 1984, p. 278).

Por essa via dessa interpretação, na alienação, o homem está fora do centro divino ao qual o seu próprio centro pertence essencialmente. Ele é o centro de si mesmo e de seu mundo. A teologia clássica denomina essa condição do humano de “Pecado original” que é o ato de desobediência de Adão e a predisposição pecaminosa produzida por seu ato em todo ser humano.

Observemos no excerto abaixo a gênese da construção do si:

[...] Mas também isso lhe viera: ele se tornara um inocente. E, por Deus, jamais pretendia tanto: mas também se livrara de uma certa piedade sufocadora, pois ele agora já não era mais culpado -...pensou com fatuidade compenetrada, pois ele se livrara da grande culpa materializando-a. E agora, que enfim fora banido, estava livre. O que lhe dava todas as possibilidades dos que se desesperam. [...] Se agora falava é que não sabia para onde ia, nem sabia o que ia lhe acontecer, e isso o colocava no próprio coração da liberdade (LISPECTOR, 1998, p.41).

No trecho denominado “a construção do homem”, Martim vivência esse conflito dialético. Fica de certo modo totalmente mergulhado na culpa pelo seu ato, e, por outro, a culpa não é encarnada como essencial. O suposto crime se mostra na linguagem dos outros. Ao abster-se da culpa, ele a vivência. Isso o coloca diante da escolha. Toda opção feita por Martim se dá em função de uma opção interior, pela qual ele julga ter realizado. No entanto, a escolha é um "salto no escuro". Como todo salto no escuro não há certeza, a priori, surge uma das vias que o leva ao desespero mediante a angústia no sentido kierkegaardiano. Martim se desespera ao esbarrar com os seus limites é nesse desespero que tenta querer ser si mesmo e ao mesmo tempo desfazer-se de si mesmo. Nisso Martim nasce para liberdade.

Estranhou-se então como o modo arrebatado de se reconhecer. Acabara de decidir ser, não um outro, mas esse homem. (...) E de tudo restou para o homem apenas a sensação um pouco inútil de ter enfim emergido. E o coração de uma pessoa viva. [...] Martim se deu conta de si. (LISPECTOR, 1998, pp.115-117).

Este desprendimento provoca em Martim o salto para cima. Ele ultrapassa os seus limites e enche-se de uma verdade, uma verdade que o expõe e o desnuda ao tempo em que o caracteriza como um sujeito capaz através da reflexão tomar posse de si e simultaneamente conquistar sua liberdade.

Pensou que com esse crime executara o seu primeiro ato de homem. Sim. Corajosamente fizera o que todo homem tinha que fazer uma vez na sua vida: destruí-la. Para reconstruí-la em seus próprios termos. Fora isso então que ele quisera com o crime? Pois na sua cólera ele quebrara o que existia em pedaços pequenos demais. Se não conseguisse reconstruí-la? pois olhou o vazio perfeito da claridade, e ocorreu-lhe a possibilidade estranha de jamais conseguir reconstruir. Mas se não conseguisse, não importava sequer. Ele tivera a coragem de jogar profundamente. Um homem um dia tinha que arriscar tudo. (LISPECTOR, 1998, p.130).

A existência de Martim transformada a partir de um ato que fora definido a partir condições que lhe estão postas, neste momento o personagem encontra-se diante do Kierkegaard chama “compromisso de risco”:

El individuo tendrá entonces consciencia de ser ese individuo preciso, con esas capacidades, esas disposiciones, esas aspiraciones, esas pasiones, influido por un ambiente preciso, resultado preciso de un ambiente preciso. Pero, al tomar así consciencia de sí mismo, acepta todas esas cosas bajo su responsabilidad. No titubea para saber si tiene que aceptar o no una responsabilidad; pues sabe que hay algo superior que se penderá si no lo hace. (KIERKEGAARD, 1967 p. 130)

Para podermos compreender o que é o compromisso e o risco vivenciado por Martim, basta compreender como ele adere à existência autêntica a partir de uma verdade apaixonada, uma verdade que põe em jogo tudo o que ele é. A grande reivindicação constitui o ponto de adesão ao compromisso de risco.

A escolha feita por Martim resulta na liberdade, essa liberdade emerge das possibilidades de agarrar a finitude para não perder-se no nada. Essa tarefa constitui em se lançar no abismo.

Num jogo poético de imagens, o personagem Martim vai reelaborando sua identidade a partir do conflito entre o ser em construção e a esmagadora realidade; entre o ser e o seu imaginário religioso de raiz Judaico-cristã; entre o ser na angústia da culpa e no desespero de querer ou não querer ser si próprio. Compreendermos que a condição desse sujeito ficcionalizado na obra A maçã no escuro está presente na realidade contemporânea. A face caótica de Martim aparece como projeção e resistência ante os efeitos da chamada “pós-modernidade”.

A sociedade moderna está adquirindo uma configuração na qual uma nova ordem social rompe com a tradição, fazendo surgir novas formas de se relacionar. Segundo Giddens (1991, p. 89), “a modernidade jogou o sujeito no mundo desenraizando-o de suas origens, de modo que esse sujeito precisa construir novas identidades” (grifo nosso). Ou, como afirma Stuart Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2001, p. 13)

Nesse sentido “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em redor de um “eu” coerente” ( HALL, 2001, p. 13). As subjetividades vão sendo afetadas, redefinindo novas maneiras de ser e estar no mundo. Em razão disso, surge a seguinte problemática: de que modo a identidade é formulada e construída em face das novas formas culturais apresentadas ao sujeito caótico, desagregado, desestruturado, em crise?

## **2. Identidade em construção**

A maçã no escuro conta a trajetória de um homem chamado Martim, que, mediante um suposto crime, foge do espaço urbano para o recluso mundo da fazenda. Nessa situação, esse personagem encontra-se diante do momento de interiorização. Numa vertigem que se efetiva na natureza física e simbólica do homem em processo de construção.

Até que agora – sem nenhum desejo, cada vez mais leve, como se também a fome e a sede fossem um desprendimento voluntário de que ele estava começando aos poucos a se envaidecer – até que agora ele avançava enorme no campo, olhando ao redor de si com uma independência que lhe subiu em prazer grosseiro para a cabeça, e começou a tontear-lo em felicidade. (ME, p. 26)

Nesse momento, a realidade para Martim gira em torno do “agora”, o seu presente. Esse agora passa a ser o foco de sua atenção. Sozinho, no centro do nada, a realidade vai se lhe apresentando a partir de sua interação com os elementos naturais, forjando uma espécie de descortinamento (consciência), que se funda num processo de objetivação, que redundando no reconhecimento de sua intenção subjetiva que é a própria busca de si.

O “agora” na enunciação do narrador se apresenta em duas perspectivas, conjugando um valor semântico que nos remete intertextualmente ao texto bíblico, cujo significado se liga analogamente a tomar consciência. É o momento do conhecimento, quando se lhe abre a porta para a vida: «agora o homem já é como um de nós, versado no bem e no mal, para que ele não estenda mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre!» (Gn. 3: 22). Ao mesmo tempo

o agora refere-se ao aspecto temporal, estabelecendo o elo com um fato ou acontecimento cronologicamente enquadrado por sua relação de contemporaneidade, a partir de quando se revela sua face caótica.

Num universo sem palavras, Martim avança na escuridão. Os sons que se ouvem são as vozes da natureza, das montanhas, das plantas e do vento. Martim é só silêncio. "O corpo inteiro do homem subitamente despertou" (ME, p.17). Martim desperta todos os seus sentidos para enfrentar a luta silenciosa que trava no isolamento do seu Ser diante do nada. "Para se despertar o homem esfregou várias vezes os olhos com o dorso de uma das mãos enquanto deixava a outra livre para a defesa" (ME, p.17). Defender-se de si mesmo ou seria renunciar o escândalo provocado pela quebra da moralidade em virtude do suposto crime? O crime coloca Martim no "espaço intervalar". Martim luta arduamente contra o abandono de si, O suposto crime abre uma larga fenda para uma interiorização, ao tempo em que se desespera.

Diante disso, fugir ante a iminência do desmoronamento das suas estruturas psico-sociais representou para Martim a oportunidade de participar do futuro que ele precisaria necessariamente construir. Analogamente à condição do homem contemporâneo, frente às grandes transformações promovidas pelo desenvolvimento técnico científico, mundialização dos mercados e novas tecnologias de informação e comunicação.

O homem contemporâneo precisa construir o seu caminho, vez que ele não só assiste uma nova reorganização do capitalismo sob sua lógica do acúmulo privado, como também sofre as conseqüências desse processo que tem seus rebatimentos no cenário cultural.

Segundo Bauman (1999), "a história de modernidade é uma história de tensão entre a existência social e sua cultura. A existência moderna força sua cultura à oposição de si mesma. Essa desarmonia é precisamente a harmonia de que a modernidade precisa". O que corresponde a seu "foci imaginarii" – horizontes que bloqueia e abrem, cercam e distendem o espaço da modernidade, neste espaço as estradas se fazem ao andar e desaparecem de novo quando os caminhantes passam. É uma obsessiva marcha adiante. Isso porque as aventuras são mais amargas que suas ambições

frustradas. Qualquer ponto de chegada não passa de uma estação temporária. É, precisamente, essa obsessiva marcha adiante que coloca o homem contemporâneo diante de sua finitude.

Em meio as grandes transformações ocorridas no campo sócio-cultural, vivenciamos a chamada crise do sujeito. Esse sujeito vive o que HALL (2000, pp. 34-46) chama de descentramentos. Não apenas no campo territorial, descentramento do sujeito e das identidades provocado pela fragmentação social, descentramento geográfico facilitado pelo desenvolvimento tecnológico e descentramento cultural favorecido pelas tendências multiculturalistas.

Essa tensão gerada pelas grandes transformações situa o sujeito contemporâneo num ponto que tem sido o eixo da discussão dos Estudos Culturais. A identidade construída em processo passa naturalmente pela representação da cultura, donde o sujeito contemporâneo estaria no “interstício”, no “espaço intervalar”.

Martim vivencia esse espaço intervalar em sua “diáspora”<sup>1</sup>. Ele migra dos espaços urbanos para o espaço rural, instaurando um processo de construção e busca. Mergulhado num estágio de ignorância (inocência), encontra-se diante de possibilidades:

E de novo o embrutecimento suave o dominava. O chão era tão longe que, abandonando o corpo, este por um instante experimentou a queda no vácuo” [...] aquele homem experimentara o poder de um ato, parecia também ter passado a admitir a estúpida liberdade em que se achava. Sem um pensamento de resposta, pois, suportou imóvel o fato de ele ser o único próprio ponto de partida" (ME, pp. 20-23)

O sentido negativo dessa queda, por tantos séculos reforçado pela pregação cristã e já arquivado no imaginário ocidental pode ser contraditado por uma idéia positiva de crescimento, que Kierkegaard chama de “salto qualitativo”.

Desde que a humanidade não reinicia do zero em cada individuo pode-se dizer que, em tal sentido, a pecabilidade do gênero humano possui uma história. Entretanto, esta se processa através de determinações quantitativas, enquanto que o individuo participa aí por meio do salto qualitativo. (KIERKEGAARD, 1968, p. 37).

Para Kierkegaard, o homem é uma síntese de liberdade e necessidade. E, nesse sentido, a angústia surge como pré-condição para o pecado ao mesmo tempo em que é pré-condição da existência humana autêntica. Passar da ignorância confortável para a autoconsciência leva Martim

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Hall, para identificar uma nova configuração que as identidades culturais assumem hoje.



ao pavor, ou ansiedade. A um passo da liberdade Martim se adere a sua condição temporal, o futuro diante de si e o confronto com o ponto gênese de sua trajetória humana e busca de identidade.

A identidade é busca, é processo construtivo na história. Martim trava relações com o presente e com o passado, todavia ele deseja o futuro. Tal posicionamento está ancorado numa visão que se identifica num conjunto de bens simbólicos provenientes da herança Ocidental. Para “Martim: [...] domingo era o primeiro dia de um homem. Nem a mulher fora criada. Domingo era o descampado de um homem. E a sede, libertando-o, dava-lhe um poder de escolha que o inebriou: hoje é domingo! determinou categórico" (ME, p.27).

Aos poucos, Martim vai experimentando as primeiras intimidades com a liberdade, ao tempo em que reage com a coragem do desespero, a coragem de tomar o desespero sobre si e de resistir à ameaça radical de não ser, pela coragem de ser como si próprio.

A compreensão que nunca fora feita senão da linguagem alheia e de palavras. Mas restava a desobediência. Então - através do grande pulo de um crime - há duas semanas ele se arriscara a não ter nenhuma garantia, e passara a não compreender. [...] - o homem agora rejubilava como se não compreender fosse uma criação. [...] E compreender estava de súbito lhe dando o mundo inteiro. [...] Mas também horror se tornara palavra de antes do grande pulo cego que ele dera com o seu crime. O pulo tinha sido dado. E o salto fora tão grande que terminara se transformando no único acontecimento com o qual ele podia e queria lidar. [...] Tendo certa prática de culpa sabia viver com ela sem ser incomodado. [...] Uma boa educação cívica e um longo treinamento de vida o haviam adestrado a ser culpado sem se trair, não seria uma tortura qualquer que faria com que sua alma se confessasse culpada, e muito seria necessário para fazer o herói finalmente chorar (ME, pp. 34-35)

A situação vivenciada por Martim nos remete interdiscursivamente ao relato da queda no livro de Gêneses. Sua identidade aqui está marcada pelo drama do pecado apresentado no contexto das narrativas da tentação e da queda (Gn. 3, 16-19). O homem cedeu à tentação e caiu em pecado, O pecado, numa acepção da teologia dogmática, é o “mal radical” (ROSA, 1996, p. 189), que tem um elemento de perversidade, pois é fruto de ato de desobediência a Deus. Paul Tillich afirma que o homem penetra na natureza assim como a natureza penetra no homem, pois: “O estado da existência é estado de alienação. O homem se acha alienado do fundamento de seu ser, dos outros seres, e de si mesmo. A transição da essência à existência resulta em culpa pessoal e em tragédia universal” (TILLICH, 1984, p. 278).

Na alienação, o homem está fora do centro divino ao qual o seu próprio centro pertence essencialmente. Ele é o centro de si mesmo e de seu mundo. A teologia clássica denomina essa condição do humano de “Pecado original” que é o ato de desobediência de Adão e a predisposição pecaminosa produzida por seu ato em todo ser humano.

Desta hora em diante teria a oportunidade de viver sem fazer mal porque já o fizera: ele era agora um inocente. [...] Mas também isso lhe viera: ele se tornara um inocente. E, por Deus, jamais pretendia tanto: mas também se livrara de uma certa piedade sufocadora, pois ele agora já não era mais culpado -...pensou com fatuidade compenetrada, pois ele se livrara da grande culpa materializando-a. E agora, que enfim fora banido, estava livre. O que lhe dava todas as possibilidades dos que se desesperam. [...] Se agora falava é que não sabia para onde ia, nem sabia o que ia lhe acontecer, e isso o colocava no próprio coração da liberdade (ME, p.41).

Quando Martim vivência esse conflito dialético, fica de certo modo totalmente mergulhado na culpa pelo seu ato, e, por outro, a culpa não é encarnada como essencial. O suposto crime se mostra na linguagem dos outros. Ao abster-se da culpa, ele a vivencia. Isso o coloca diante da escolha. Toda opção feita por Martim se dá em função de uma opção interior, pela qual ele julga ter realizado. No entanto, a escolha é um "salto no escuro". Como todo salto no escuro não há certeza, a priori, surge uma das vias que o leva ao desespero mediante a angústia de que trata Kierkegaard. Martim se desespera ao esbarrar com os seus limites é nesse desespero que tenta querer ser si mesmo e ao mesmo tempo desfazer-se de si mesmo. Nisso Martim nasce para liberdade.

Estranhou-se então como o modo arrebatado de se reconhecer. Acabara de decidir ser, não um outro, mas esse homem. (...) E de tudo restou para o homem apenas a sensação um pouco inútil de ter enfim emergido. E o coração de uma pessoa viva. [...] Martim se deu conta de si. (ME, pp.115-117).

Este desprendimento provoca em Martim o salto para cima. Ele ultrapassa o seu limite e enche-se de uma verdade, uma verdade que o expõe e o desnuda ao tempo em que o caracteriza como um sujeito capaz através da reflexão tomar posse de si e simultaneamente conquistar sua liberdade.

A liberdade, Martim a conquista num processo, donde sua identidade sofre profundas alterações. No espaço urbano, ele é um sujeito anônimo. O anonimato é uma característica marcante nas sociedades contemporâneas, o sujeito dissolve-se na massa metropolitana, vive a angústia e o medo em face à violência. Violência que ele assimila, sua identidade móvel, que o coloca na

condição de assassino de sua esposa. Para ele, ela teria um amante. Por motivos passionais, ele quebra ética e a moral, foge na seqüência. Sua identidade de foragido abre uma grande fenda no processo de reconstrução de si mesmo, que ele tem urgência em começar, ao tempo em que atualiza sua experiência humana. “Da construção do mundo dentro de si, ele passaria à reconstrução da Cidade, que era uma forma de viver e que ele repudiara com um assassinato; era por isso que o tempo era curto” (ME, 1998, p. 137).

Foragido, Martim vivencia sua “diáspora”. Migra do espaço urbano, onde ele está alienado de si mesmo para o meio rural. No campo ele assume funções práticas, rompe com as marcas do sujeito metropolitano. Ao ser interpelado sobre sua profissão:

- Que é que o senhor sabe fazer?
- Mais ou menos tudo.
- Estou perguntado sua profissão, disse um pouco áspera.
- Sou engenheiro, minha senhora. (ME, 1998, p.63)

Martim reage de acordo com a forma pela qual foi interpelado, ele precisava de abrigo, sua identificação não foi automática, foi construída. Sua identidade tornou-se o que Hall chama de “politizada” (Idem, 2001, p. 21). Com astúcia de um foragido, o discurso de Martim é de um sujeito simples, disposto a fazer de tudo. As práticas domesticas realizadas no campo se constituem estratégias políticas para garantir sua permanência ali. Nesse sentido Martim representa esse sujeito “híbrido”, coexiste nele a máscara do sujeito multifacetado.

No âmbito dessa crise, Martim atualiza sua identidade que se faz em construção. Como explicita Hall:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Idem, 2001, p. 38)

Do mesmo modo que Martim mergulhou na sua existência através do salto no abismo, tentando reconstruir-se a si mesmo, ultrapassou os limites do si mesmo estabelecendo uma conexão entre o individuo no processo de construção de sua identidade e o sujeito convivendo em sociedade.

### **3. Conexões entre o sujeito individual e o sujeito coletivo**

Partindo da noção de mundo do texto de Ricouer (1989), donde se inscreve uma relação prática mediada pelo seu referente – leitor e texto, relação esta que se estabelece em vista da significação que se atualiza a cada leitura. Tomamos a noção de mundo do texto para adentrarmos na obra clariceana *A maçã no escuro*.

Pelo efeito de mimese no sentido ricoueriano “... a obra literária só desvela um mundo sob a condição de que se suspenda a referência do discurso descritivo” (2000, p. 338). A metáfora seria o meio discursivo pelo qual a linguagem foge à descrição direta e reescreve a realidade. Nessa perspectiva o mundo humano revelado no texto se efetiva numa relação dialética entre o desvelamento do texto e seus múltiplos sentidos culminando numa ação.

Ricouer afirma:

Ficção e Poética visam ao ser, mas não mais sob o modo de ser dado, mas sob a maneira do poder-ser. De fato, o que deve ser interpretado num texto, é uma proposição de mundo, de um mundo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis próprios (RICOUER, 1989, p.57).

Nesse sentido, a noção de mundo do texto seria a de explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto. Assim, o sujeito presente dentro do texto, é um tipo de sujeito presente no mundo real de uma sociedade concreta.

Confrontando a teoria do texto com a teoria da ação Ricoeur afirma que a noção de texto é um bom paradigma para a ação humana, e que a ação é um bom referente para toda uma categoria de textos. Ele descreve ainda como se processa a autonomia do texto ao destacar-se do seu agente.

Diz ele:

Ao destacar-se do seu agente, a ação adquire uma autonomia semelhante à autonomia semântica de um texto; ela deixa um rastro, uma marca; inscreve-se no curso das coisas e torna-se arquivo e documento. À maneira de um texto, cuja significação se liberta das condições iniciais da sua produção, a ação humana tem um peso que não se reduz à sua importância na situação inicial da sua aparição, mas permite a reinscrição do seu sentido em novos contextos. Finalmente, a ação, como um texto, é uma obra aberta, dirigida a uma sucessão indefinida de <leitores> possíveis. Os juizes não são contemporâneos, mas a história posterior (1989, p. 177)

Assim como o leitor apreende o objeto do mundo da obra segundo a sua capacidade subjetiva, o cientista social apreende o conteúdo da ação e da história. Tanto seus elementos objetivos quanto subjetivos (semelhante ao mundo da obra) segundo a sua capacidade subjetiva,

sendo, portanto, forçado a negar o caráter puramente objetivo das ciências humanas, e a encontrar o equilíbrio entre explicar e compreender.

Martim, o mártir da queda, percorre sua via-crúcis no isolamento ele busca vivenciar as experiências possíveis. Ele se apresenta para a vida, é a vida que ele quer.

[...] Fizera um desgastamento de seus conhecimentos anteriores, [...] também recomeçou a compreender as mulheres. [...] Tratando das vacas, o desejo de ter mulheres renasceu com calma. [...] Com um sorriso um pouco doloroso, acariciou então o couro feminino da vaca e olhou em torno: o mundo era masculino e feminino. [...] E assim como as vacas contavam quietas com a existência de outras vacas - o homem se envolveu pelo calor indireto dos outros (LISPECTOR, 1998, pp.108-109).

Martim desperta para o outro. O corpo feminino faz nascer nele o desejo. Pelo desejo foi também que Eva comeu o fruto (maçã ?), caindo em pecado. A partir desse feito, teria a pecabilidade entrado no mundo e com ela a sexualidade, nessa interpretação. O Eco proveniente da linguagem mítica aponta para aspectos que foram historicamente interpretados pela cristandade como repressão da sexualidade. O sexo, por isso, foi sendo visto como algo negativo. No texto de Clarice, a sensualidade aparece como um elemento dialético, pois desperta em Martim o olhar para o outro, o que faz nosso personagem sentir o desejo de se comunicar: "E Pela primeira vez desde que fugira tinha necessidade de se comunicar" (LISPECTOR, 1998, p.123).

O desejo de se comunicar vem do reconhecimento de si mesmo e de estar inserido num contexto e, assim, se integrar no corpo social. No trecho “Nasce o herói”, Martim agora é ele e os outros. O reconhecimento da importância do contato com o outro humano significa, para Martim, a reconstituição de sua própria existência. Sendo a existência constituída de paradoxos, tais paradoxos evidentes na dialética vivenciado no absurdo de ser e não ser o que se é, há nesse momento uma suspensão da moralidade. Nosso personagem entra em desespero.

Ele que pela primeira vez estava experimentando a solidão pior, a que não tem nenhuma vaidade; e então queria a menina. [...] A menina o olhava atentamente. - Você não quer me dar uma coisa? [...] O homem horrorizado recuou. [...] Nós somos ruins? - nunca isso lhe ocorrera senão como uma abstração. Nós somos ruins? perguntou-se, ele que não cometera um crime por maldade. Nem seu próprio crime lhe dera jamais a idéia de podridão e de ânsia e de perdão e de irreparável - como a inocência da menina preta (LISPECTOR, 1998, pp.203-206).

Ao desejar alcançar a existência, surge a possibilidade de fracasso. Martim deseja o corpo de uma criança. Esse momento se constituirá de profunda afetação e «o homem horrorizado recuou.» (LISPECTOR, 1998, p. 205). Martim se envergonhou diante da possibilidade de se perder.

[...] esse homem teria medo e nesse instante de medo, enfim capturado, enfim impossibilitado de não encarar o próprio rosto, esse homem diria "sim", àquela harmonia feita de beleza e horror e perfeição e beleza e perfeição e horror; a perfeição que nos usa. [...] mesmo sabendo com vergonha que este seria o seu maior crime ... (LISPECTOR, 1998, pp 221-222)

Para Kierkegaard, o absurdo implica no distanciamento da subjetividade das concepções que atribuem à razão o papel de realizadora de um sistema racional do mundo. O indivíduo é uma subjetividade que não pode encontrar o seu fundamento em nenhum sistema racional. A ética religiosa, que repousa na fé em Deus, é quem pode explicar o fundamento da existência humana. O absurdo é o "lugar do silêncio", ou seja, o lugar de Deus, bem como a distância que há entre a subjetividade finita do homem e a pessoa infinita de Deus. Desse modo ele grita por Deus.

Ele chamara a força de Deus mais ainda não sabia como provocar a Sua bondade. Foi então que de repente ele disse em si mesmo: eu matei, eu matei, confessou afinal. [...] Mas - revoltou-se ele logo em seguida justificando-se para Deus [...] Oh Deus, disse ele em reivindicação, não respeitais sequer a nosso indignação? meu ódio sempre salvou minha vida, eu não quis ser triste, se não fosse a minha cólera eu seria doçura e tristeza, mas a raiva é filha da minha mais pura alegria, e de minha esperança. (LISPECTOR, 1998, pp.222-223)

Assumindo uma condição de Mártir de sua própria “queda”, Martim vai além de si mesmo, o que lhe suscita a esperança. Em queda livre, no abismo da sua existência mais profunda, em meio ao caos, ele salta para a vida. O seu ato quebrou as estruturas que o mantinha aprisionado, o que resultou num redirecionamento de sua ação e essa disposição interior de querer se constitui o sustentáculo dessa esperança que abre como possibilidade a liberdade. Assim, Martim inicia os primeiros passos de uma existência autêntica:

Com algum espanto, Martim compreendeu que não havia procurado a liberdade. Procurara se libertar, sim, mas apenas para ir sem empecilhos de encontro ao fatal. Quisera estar desimpedido – e na verdade se desimpedira com um crime – não para inventar um destino! Mas para copiar alguma coisa importante, que era fatal no sentido em que era alguma coisa que já existia. E de cuja existência aquele homem sempre soubera, como quem tem a palavra na ponta da língua e não consegue se lembrar. Ele quisera estar livre para ir de encontro ao que existia. E que, nem por existir, era mais alcançável – era tão inatingível como inventar. Por mais liberdade que tivesse, ele só poderia criar o que já existia. A grande prisão. A grande prisão! Mas tinha a beleza da dificuldade. Afinal consegui o que quis. Criei o que já existe. E acrescentara ao que existia, algo mais: a imaterial adição de si mesmo (LISPECTOR, 1998, p.323).

O mergulho existencial em busca do outro conecta o sujeito individual ao sujeito coletivo na medida em que existência para Martim significou a libertação. O acesso à liberdade estava gestado enquanto potência, próximo de sua mão. “Mas como é que não compreendi que aquilo que não alcanço em mim... já são os outros? Os outros, que são o nosso mais profundo mergulho! [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 310). Temos por essa via uma mudança no personagem Martim na proporção em que ele despreza seu reflexo narciso no acolhimento outro.

#### **4. Implicações éticas na passagem da reflexão individual para a ação em relação ao outro**

No acolhimento do outro se desvela a consciência de não estar sozinho Martim precisa retomar o começo. "agora sou obrigado a começar tudo do começo" (LISPECTOR, 1998, p. 311). Nesse momento Martim se encontra diante das estruturas sociais. Como um réu, ele está pronto para ser julgado pelas autoridades judiciais. “- Bom vamos, disse o investigador dobrando o mapa” (LISPECTOR, 1998, p. 321).

A liberdade buscada por Martim carecia justificar-se na presença do outro. O encontro com o outro recoloca Martim diante das estruturas sociais.

[...] Mas de agora em diante organizarei minha maldade em bondade, agora que não tenho mais a mesma voracidade de ser bom. Agora que estou pronto para minha própria alma, agora que amo os outros. [...] Com algum espanto, Martim compreendeu que não havia procurado a liberdade. Procurara se liberar, sim, mas apenas para ir sem empecilhos de encontro ao fatal. Quisera estar desimpedido - e na verdade se desimpedira com um crime - não para inventar um destino! mas para copiar alguma coisa importante, que era fatal no sentido em que era alguma coisa que já existia. (LISPECTOR, 1998, p.323)

Em sua trajetória de busca de si mesmo, Martim se isolou fisicamente dos outros, não porque fosse indiferente para com os outros, ao contrário, o crime passional tem uma motivação racional que se efetiva no outro. O próprio conceito de reclusão é um conceito social, Martim não poderia estar isolado, ou ser definido como tal, senão num mundo social. E nesse mundo social o sujeito vive em relação com o outro.

Na cidade, lugar da diversidade, da convivência e confronto entre diferenças, Martim atentara contra a vida de um outro também humano. Nesse ponto cabe uma reflexão acerca da cidade, esse local onde as relações se friccionam com mais intensidade. Na sociologia da cultura em Simmel (1979, p. 16) os habitantes da cidade se caracterizavam cada vez mais no que denomina de “atitude blasé”, esta consiste no embotamento do poder de discriminar. Diferente do lugar do campo a cidade movimenta o comportamento do indivíduo. De acordo com Simmel (1986), “Uno de los rasgos diferenciadores de la ciudad es el aumento de la estimulación nerviosa o excitabilidad” (SIMMEL, 1986, apud Julio Cezar Cabrera Medina , “la ciudad y la soledad del individuo em libertad)

Diante disso, antes de existirem as cidades os homens se agrupavam no em função do campo. No campo o contato entre as pessoas se efetivava de forma direta, de modo que existia uma convivência do tipo tradicional, as relações eram mediadas pelos significados simbólicos no sentido comunal, onde ainda prevalecia o modelo do sistema feudal já em decadência. A cidade vista como o lugar da diversidade, da convivência e confronto entre diferenças sejam elas econômicas, sociais, culturais ou políticas é também um espaço de debate de informação e construção da própria imagem que a sociedade tem de si. De modo que é importante destacar que no ambiente citadino foi se desenvolvendo outro *modus-vivendi*, nesse confronto de posições e debates é que se construíram algumas utopias e ideais políticos sob os quais se edificaram as alternativas democráticas. O processo de industrialização acelerou o êxodo inchando as cidades, gerando um clima de incerteza acerca da vida e experiência cidadina. O contexto da acelerada industrialização provocou não apenas o aumento da população, como também uma reorganização do espaço em função das necessidades e exigências da produção industrial e de serviços, Na qualidade de produtores de mercadorias em busca de dinheiro, o homem passa a depender das necessidades e da sua capacidade de compra. Essa exigência permanente de sobrevivência afeta a base psicológica do homem metropolitano, dando origem a novas formas de relações.

Como afirma Simmel:



Na medida em que o indivíduo submetido a esta forma de existência tem de chegar a termos com ela inteiramente por si mesmo, sua autopresevação em face da cidade grande exige dele um comportamento de natureza social não menos negativo. Essa atitude mental dos metropolitanos um para com o outro, podemos chamar, a partir de um ponto de vista formal, de reserva. (SIMMEL, 1979, p.17)

Na metrópole as pessoas não se conhecem, se reservam do contato como o outro, nesse sentido as cidades passam a ser objeto de um urbanismo funcional através do zoneamento, que se distinguiu o lugar de habitação do lugar do trabalho. Esse zoneamento gerou um tipo de segregação que irá destingir os espaços por meio da estratificação de classe social. Essa organização vem acompanhada pelo processo de racionalização que se concretiza na burocracia que irá regular tudo acerca da racionalização. Esse processo, segundo Weber (1983, p. 50), “no campo da ciência e da organização econômica determina indubitavelmente uma parte importante dos ideais da vida da moderna sociedade burguesa”.

Na sociologia compreensiva weberiana essa ação racional estaria relacionada a valores que se conecta com uma ação efetiva. Como assim explicita: "La legitimidad de un orden puede estar garantizada: de maneira puramente íntima; y en este caso: puramente efetiva: por entrega sentimental" (Weber, 1964, p.27). A conduta de Martim ao tentar assassinar sua esposa se orientou para um fim de acordo com sua convicção, levando em conta seus valores, ou seja, seus valores morais inspiraram sua conduta que se efetivou numa ação efetiva causada pelo ciúme." Matei minha mulher, disse Martim. [...] - Porque eu estava quase certo de que minha mulher tinha um amante, disse Martim" (LISPECTOR, 1998, p. 297).

Martim estaria se vingando de uma suposta traição conjugal, sua ação e mediada pelo desejo de vingança, segundo Fromm (1980, p. 368), “Embora o homem não possa defender-se com freqüência do mal que os outros lhe infligem, em seu desejo de vingança ele tenta limpar as manchas, negando magicamente, que o delito jamais foi cometido”. Na destrutividade que atinge o outro, Martim se perde no abismo de si mesmo para se reencontrar no sentido dos propósitos de sua ação última. A fuga que o reconduziria ao reencontro com o outro.

Em sua volta ao começo, Martim realiza um salto para além do ser em si. Um sujeito em relação com o outro, não mais um eu sozinho, mas um Eu e um Tu.

Martim Buber afirma que não há Eu em si, independente, em outros termos o si-mesmo não é substância, mas relação. "O Eu se torna Eu em virtude do Tu. Ele é meu Tu somente na relação, pois, fora dela, ele não existe, assim como o Eu não existe a não ser na relação" (BUBER, 1979, p. XLIX).

Nesse sentido o Eu e Tu se revela no dialogo. Foi só no encontro dialógico que Martim pode fazer o percurso inverso de si mesmo para o outro suscitando a possibilidade de reinterpretar sua própria liberdade, vez que, esta liberdade vivenciada por Martim é posta em questão na receptividade do outro. Martim se percebe não mais como um eu sozinho, mas um Eu em relação com um Tu (outro). Numa perspectiva levinasiana Martim estaria assumindo o princípio ético. "A situação em que não se está sozinho [...] é a consciência moral - na exposição da minha liberdade ao juízo do outro" (LÉVINAS, 1997, p. 216).

Que temos a dizer então sobre a ética que se desperta frente a relação com o outro. Quando falamos em ética estamos no espaço de uma reflexão que tem por natureza a busca de fundamentação teórica, de desvelamento do significado das normas, princípios e valores morais da indagação frente à nossa possibilidade de legitimá-las ou não. Para o Ocidente, a ética nasce na Grécia, a ela cabe o estudo do que é de acordo com o Bem, constituindo-se esse mesmo Bem com o bem maior da Ética. É Kant, quem funda a ética na modernidade, com a colocação de Bem à luz da Razão. O homem é em Kant, é antes de tudo, uma subjetividade capaz de atribuir sentido ao mundo, caminhando do sensível para o racional com um impulso de autodeterminação. O sujeito é entendido como conquista do que lhe é próprio: possui autonomia e liberdade. A ação moral é redimensionada, assumindo o homem a responsabilidade no uso da razão, ou seja, a razão tem um importante papel nas decisões éticas. Nesse sentido, as ações humanas podem ser boas ou más, ocorrendo de modo intencional ou não são sempre como resultado de uma deliberação racional.

Martim está diante da Razão como verdade, uma verdade que ele não deseja apartar-se, ele não mais deseja fugir. "- Vamos, disse Martim aproximando-se dos quatro homens e da segurança que eles lhe oferecia" (LISPECTOR, 1998, p. 323). Entretanto, essa razão esta presente não apenas

no indivíduo como resultado da razão instrumental ela foi se construindo no longo itinerário de busca sobre si mesmo ultrapassando o limite da subjetivação para se aderir a uma nova busca de realizar um novo desejo que é alcançar o outro. A subjetivação, segundo Touraine, ( 1994, p. 222), é a “penetração do Sujeito no indivíduo e, portanto, a transformação – parcial – do indivíduo em Sujeito”, isso porque o humano não se constitui apenas de razão, mas também de emoção, desejo...etc.

Destacaremos dois aspectos relativos a sua opção em assumir o seu erro de atentar contra a vida do outro. Atenhamo-nos primeiramente a questão Ética - a vida como um imperativo ético universal -, para em seguida relacionarmos que essa ética implica na construção de sua cidadania. Martin como sujeito social vive em uma sociedade, portanto, está limitado aos padrões de comportamento desta sociedade. Na sociedade democrática a noção de cidadania está ancorada na definição legal dos direitos e obrigações. Cidadania é também um conceito originariamente grego, cidadania entre os gregos significa participação nos destinos da polis, através da assembléia e do voto. É a Revolução Francesa o marco da construção do conceito de cidadania do mundo contemporâneo, exposto na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, constituindo assim um código ético para a segunda metade do século XX no seu primeiro artigo proclama que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais, em dignidade e direitos. São dotados de razão e de consciência e devem agir em suas relações com espírito de fraternidade.”, é pois, no documento nº E/CN. 4/1998/NGO/3 Comissão de direitos Humanos das Nações Unidas – Genebra que a Declaração dos Direitos Humanos sofre uma revisão que contempla o direito a cidadania como um direito de todos.

O Art. 2 declara:

Todas as pessoas têm direito a sua própria identidade como indivíduos, como membros de grupos com os quais se identificam, como membros de uma nação e como cidadãos(ãs) do mundo, com o grau de autonomia e autodeterminação em todas as esferas necessárias para preservar sua dignidade e seu sentido de auto-valia. Este direito à identidade não será afetado negativamente pelo matrimônio.

Nesse sentido assumir a ética sob a ótica da cidadania confere ao sujeito uma dimensão que recai não apenas no estado de direito, mas no estado de dever social para com os outros sujeito – o

coletivo. No que concerne a junção desses dois aspectos o que se observa na obra analisada é que o indivíduo ficcionalizado no personagem Martim se constrói sujeito, vivenciando primeiramente sua individuação para em seguida estabelecer um salto para existência na construção do Ser- para além de si, para em seguida estabelecer outro salto que se efetiva no processo das relações sociais, estabelecendo-se numa reflexão atemporal e assim, decidir ser não mais um eu sozinho e sim um eu em comunhão com os outros.

## **Considerações**

Como se efetivou essa passagem do indivíduo para o sujeito no humano ficcionalizado no personagem Martim? Ao longo da discussão tentamos mostrar que essa transição enredou uma reorientação no seu percurso de construção identitária que salta do Eu mesmo para o Eu-Tu, um ser em relação consigo e com o mundo de valores e significados.

Martim não caminhou sozinho, estávamos com ele. Esse caminho percorrido só foi possível no desvelamento dos signos de nossa própria existência. O texto possibilitou-nos entrar no universo ficcional não apenas para observar o personagem, mas também para dialogar e aprender com ele nas manifestações mais profundas que se evidenciaram ao longo do caminho daquilo que é puramente humano refratado no texto-metáfora, evocando uma pluralidade de sentidos nesse movimento de exploração mais ao mesmo tempo de busca.

Martim é como um de nós. Como nós humanos vive as tensões ante suas escolhas. Vivemos no mundo contemporâneo afetados pela angústia, pela incerteza, na eminência de um caos. Vivemos em sociedade e esta se apresenta numa trama plural de múltiplos eixos problemáticos: a intolerância com o outro (a mulher, o negro, o homossexual, o índio etc.), a garantia do trabalho, a manutenção da existência, a distribuição do espaço... etc. Essas são questões que nos aflige, colocando-se de maneira crucial e pungente. Há portanto uma necessidade emergente de buscar o equilíbrio para garantir a sobrevivência da vida na terra.

Nesse sentido, as sociedades construídas sob os auspícios de que a ciência moderna estaria a serviço da humanidade, demonstrou o seu fracasso como se constata historicamente nas grandes

guerras. Contudo não se pode desprezar que de fato o desenvolvimento científico trouxe formas mais confortáveis de existências, mesmo que, embora, concomitante a isso, vivemos uma condição de perplexidade diante de inúmeros dilemas nos mais diversos campos do saber e do viver.

Para viver o homem precisa vender sua força de trabalho. Deste modo está à mercê do mundo da produção. O processo de construção do modo de produção capitalista afetou não as relações sociais, intra e extra *locus* de produção, afetou também o comportamento humano em seus aspectos mais singulares. O Capitalismo é o sistema econômico que se caracteriza pela propriedade privada dos meios de produção. No sistema capitalista as padarias, fábricas, confecções, gráficas, papelarias etc., pertencem a empresários e não ao Estado. Este tem o papel de controlar as emergentes questões sociais. Nesse sistema, a produção e a distribuição das riquezas são regidas pelo mercado, no qual, em tese, os preços são determinados pelo livre jogo da oferta e da procura. O capitalista, proprietário de empresa, compra a força de trabalho de terceiros para produzir bens que, após serem vendidos, lhe permitem recuperar o capital investido e obter um excedente denominado lucro. No capitalismo, as classes não mais se relacionam pelo vínculo da servidão (período Feudal da Idade Média), mas pela posse ou carência de meios de produção e pela contratação “livre” do trabalho. No capitalismo o caráter social da produção se expressa pela divisão técnica do trabalho. Organização metódica existente no interior de cada empresa, que impõe aos trabalhadores uma atuação solidária e coordenada. Apesar dessas características da produção, os meios de produção constituem propriedade privada do capitalista. O produto do trabalho social, portanto, se incorpora a essa propriedade privada.

Como reflexo dessa condição o homem perde sua liberdade, mas, não só isso, ele está alienado de si mesmo, e o mais grave incorpora no seu mundo a mercadoria, chega até confundir-se com ela, no sentido em que se naturaliza no processo produtivo como objeto, torna-se coisa de uma engrenagem maior.

Nessa perspectiva ele é afetado, ocorre nele um estranhamento, não apenas no sentido de não se reconhecer mais enquanto humano, vez que, não passa a reconhecer também o outro, ambos

fazem parte de um mesmo sistema reificante. Sendo assim vivencia desse modo ambivalente o caos. Para restabelecer essa ordem ele se perde e se encontra num ato particular, no grito da angustia e desespero de querer ser si próprio.

A partir disso, surge diante de si um caminho, um longo itinerário a ser percorrido, tornar-se Sujeito de sua própria história. Nesse sentido compreendemos que racionalização e subjetivação são partes complementares na construção do Sujeito. Visto que as opções que se colocam diante do sujeito moderno reclamam tomada de decisões, estratégias de enfrentamentos, métodos de controle e permanente avaliação no sentido de reorientar o seu percurso. Entretanto, esse percurso se constrói no indivíduo a partir do desejo da vontade de querer ser, assim como no ambiente individual procura a liberdade, no ambiente social buscar libertar-se das amarras da alienação.

Ele, nessa trilha, passa pelos mais diversos obstáculos e, por intermédio de sua queda no abismo, nasce a possibilidade de salto, no possível ingresso de uma vida mais digna. Nessa tensão ocorre o impulso para cima no sentido em que o sujeito racional e também um sujeito social. Considerado que ao abarcar sua auto-realização, abre o espaço de ser livre, no sentido de construir para além de si mesmo novas estruturas, estruturas essas que comporta não apenas o eu sozinho mais um eu com os outros. Os outros que consigo formam um corpo social.

Como parte do corpo social Martim sentiu a fome de viver em comunhão com o outro decidiu colher a maçã, “E esse modo instável de pegar no escuro uma maçã – sem que ela caia” (LISPECTOR, 1998, p. 334). Ao fazer o percurso inverso de si mesmo, Martim pode reinterpretar sua liberdade. Convenceu-se que não pode existir outra forma de vida que não contemple a ética. A ética a que se refere contempla o amor, a solidariedade, a mutualidade, a simplicidade, a fraternidade, a comunhão no sentido pleno do direito de Ser e deixar que o outro também Seja, em termos éticos, face às grandes e imponderáveis desigualdades entre diversos grupos humanos; e existenciais, considerando-se a felicidade e o conhecimento, e a busca de construir novos valores para a sua frutificação, e construção de uma sociedade mais justa que comporte o direito de Ser cidadão(ã).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. Tradução do grupo CASA, Bauru/SP: EDUSC, 2003
- BUBER, Martin, **Eu e tu**. São Paulo: Cortez & Moraes, 2 ed. ver. 1979
- Cartilha **Declaração dos direitos humanos**: Uma perspectiva de gênero. Contribuição ao 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografia dos estudos culturais**: Uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FIORIN, José Luiz (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1999.
- FROMM, Erich. **A Linguagem Esquecida**: Uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KIERKEGAARD, Sören. **Estética y Ética: En la Formación de la Personalidad**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1967.
- KIERKEGAARD, Sören. **O Conceito de Angústia**. São Paulo: Hemus, 1968.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**, Lisboa: 1997.
- LISPECTOR, Clarice. **A Maçã no escuro**, Rio de Janeiro, Roço, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1989.
- NUNES, Benedito. (coord.). **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo Ática, 1995.
- RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.
- RICOEUR, Paul. **Do Texto à Ação**. Porto: Rés-Editora, 1989.
- RICOEUR, Paul. **Nas Fronteiras da Filosofia**. São Paulo: Loyola, 1996
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.
- ROSA, Merval. **Antropologia Filosófica**: Uma perspectiva cristã. Rio de Janeiro: JUERP, 1996.
- SILVA, Eli Brandão. **O Nascimento de Jesus-Severino como Revelação da Esperança: Leitura na Ponte entre Teologia e Literatura**. In: SWARNAKAR, Sudha. **Tecidos Metafóricos**. João Pessoa: Idéia, 2003.
- GEORG, Simmel. **El individuo y la libertad**. Barcelona: Península, 1986.
- TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1984.
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: 3 ed. Livraria Pioneira Editora, 1983.
- WEBER, M. **Economía y Sociedad**, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1993.